



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de sanção da lei que cria o Regime de Partilha do pré-sal e Fundo Social do pré-sal**

**Palácio do Planalto, 22 de dezembro de 2010**

Companheiro Márcio Zimmermann, ministro de Minas e Energia,  
Paulo Bernardo, ministro do Planejamento,  
Companheiro Carlos Gabas, ministro da Previdência Social,  
Alexandre Padilha, da Secretaria de Relações Institucionais,  
Franklin Martins, de Comunicação Social,  
Eloi Araújo, da Secretaria de Políticas de Promoção de Igualdade Racial,  
Companheiro senador Edison Lobão, já indicado pela presidenta Dilma como futuro ministro de Minas e Energia.

Companheiro Inácio Arruda, já indicado para ser senador da República por mais quatro anos e, certamente, disputar a reeleição em 2014, se não tiver, por detrás, outras coisas,

Meu caro Roberto Cavalcanti, senador da República,  
Senadora eleita Gleisi Hoffmann – parece senadora da Alemanha, Gleisi Hoffmann,

Meus queridos companheiros deputados federais Arnaud Bezerra, Carlos Zarattini e Pedro Eugênio,

Companheiro José Sergio Gabrielli, presidente da Petrobras,  
Meus caros companheiros representantes das empresas e entidades do setor do petróleo,

Companheiros diretores da Petrobras, Guilherme Estrella, Graça Foster, Renato Duque, Paulo Roberto Costa, Jorge Zelada e Almir Barbassa,

Companheiros presidentes das subsidiárias, Miguel Rossetto, da Petrobras Biocombustível; Sérgio Machado, da Transpetro; e José Lima, da BR



Distribuidora,

Companheiros convidados,

Companheiros da imprensa,

Antes de mais nada, é preciso agradecer a Deus e lembrar que num mundo atribulado por recessão e desalento, poucos são os povos que terão o privilégio de celebrar este Natal embalados pelos ventos de otimismo que sopram hoje no nosso querido Brasil.

O novo marco regulatório do pré-sal, que ora sancionamos, amplia essa base de confiança e autoestima para muito além dos limites do nosso tempo. Com certeza, as gerações que nos antecederam não puderam desfrutar de um passaporte tão valioso para o futuro quanto este.

As salvaguardas que a partir de agora protegem a maior reserva de petróleo descoberta no Planeta, nos últimos 30 anos, constituem um singular presente natalino que o Brasil proporciona a si mesmo.

O pré-sal redesenhou a geopolítica mundial do petróleo. Fará com que o Brasil, em poucos anos, figure entre os maiores produtores do Planeta, justamente quando a oferta global declina e o preço do barril tende a aumentar, e os olhos do Gabrielli brilham. E do Barbassa, nem se fala.

Assegurar a contrapartida social e econômica dessa riqueza às gerações do presente e do futuro é o objetivo do novo marco regulatório que hoje sancionamos. Trata-se de um extraordinário momento histórico.

Minhas companheiras e meus companheiros,

Há pouco mais de uma década, o Brasil ainda dependia fortemente do petróleo importado para abastecer sua economia. Em abril de 2006, traçamos um novo divisor ao conquistarmos a autossuficiência.

Em novembro de 2007, demos a largada do pré-sal com a descoberta do megacampo de Tupi. Hoje, as descobertas já comprovadas são suficientes para dobrar as reservas brasileiras de 14 bilhões de barris. E isso me parece



que é apenas um bom começo.

O que torna o pré-sal um verdadeiro marco em nosso desenvolvimento, porém, não é somente o fantástico volume de petróleo que ele já adicionou, e o muito que agregará ao patrimônio nacional. O verdadeiro salto transformador remete, na verdade, aos incontáveis desdobramentos econômicos e sociais que essa exploração enseja.

Para que eles se materializassem, porém, seria preciso, antes de mais nada, decidir quem exerceria o comando estratégico desse processo. A partir de hoje, o comando estratégico está nas mãos de 190 milhões de brasileiros.

Fizemos a maior capitalização da história da Humanidade e do mundo capitalista. Eu fico imaginando, quando tiver uma prova para alguém fazer concurso para trabalhar como funcionário público ou no vestibular, que tiver assim: “Em que país foi feita a maior capitalização do mundo? Quem fez a maior capitalização?”. Aí as crianças vão responder “Bill Gates”, vão responder “George Soros”, vão responder “O presidente da Telefônica, o presidente não sei de onde”, aí vai estar escrito lá “Lulinha, presidente do Brasil em 2010, que teve o privilégio de participar da maior capitalização da história da Humanidade, trazendo US\$ 70 bilhões ao caixa da Petrobras” – é mole, Barbassa? É mole? Justamente para garantir a soberania nacional em todo o ciclo de extração e refino e, assim, colocar essa descoberta a serviço da economia e de toda a nossa sociedade.

Uma ampla cadeia de equipamentos, máquinas, logística, tecnologia, pesquisa, formação de mão de obra e contratação de serviços – associados direta ou indiretamente ao petróleo – será fortemente impulsionada nos próximos anos em nosso país.

O que estamos sancionando é o maior avanço industrializante já experimentado na história brasileira, com lastro suficiente para elevar, e muito, o patamar do parque produtivo nacional no século XXI.

Não se faz uma política industrial eficaz e duradoura desprovida de



conteúdo histórico. Não basta adotar a retórica da industrialização, e, ao mesmo tempo, criticar – muitas vezes de forma envergonhada – a liderança indispensável da Petrobras e do Estado brasileiro, quando esse é o requisito para gerar fábricas, investimentos e empregos no nosso país.

A sanção deste marco regulatório coloca três variáveis sob controle nacional: primeiro, o ritmo da extração e do refino; segundo, a sintonia entre essa dinâmica e a capacidade da indústria brasileira de atender à demanda por navios e equipamentos; e, terceiro, a destinação da renda gerada nesse processo a um Fundo Social, que assegure o largo horizonte das contrapartidas devidas aos brasileiros e brasileiras de todos os quadrantes. É o Fundo Social a verdadeira ferramenta de redistribuição dessa riqueza que a todos pertence e a todos irá contemplar.

Meus amigos e minhas amigas,

Estamos falando de uma escala de recursos capaz de promover uma verdadeira revolução de qualidade da escola pública, sobretudo do ensino básico. E, além disso, financiar saltos equivalentes na ciência e na tecnologia, bem como na defesa do meio ambiente, na promoção da cultura e no combate à pobreza do nosso país.

Ao concluir, quero dizer com todas as letras: não haveria outra forma de fazê-lo, de maneira consistente e duradoura, que não fosse essa. A sociedade brasileira não admite mais o antagonismo entre riqueza e justiça social.

As forças e os anseios que se fortaleceram em nosso governo nesses anos não admitiriam um marco regulatório que trouxesse outra proteção à sociedade senão essa que hoje sacramentamos: a consolidação de um longo ciclo de desenvolvimento, indissociável da justiça social para o povo brasileiro.

Muito obrigado e parabéns a todos os brasileiros.

(\$211A)